

Intersecção entre raça e corpo na grande mídia brasileira

Toda história que você conhece tem uma versão que, provavelmente, você nunca ouviu falar. E, se você não conhece o outro lado dessa história, provavelmente, tem uma visão singular sobre ela.

<https://giphy.com/gifs/tv-static-broken-why-am-i-fail-riw3K0D2h4kIG>

Essa não é exatamente a citação de alguém. Mas, em outras palavras, é o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi diz sobre o perigo da história única. Ela também comenta sobre o quanto sempre somos impactados por histórias, principalmente na infância. E é aí que precisamos refletir: Onde vemos ou ouvimos histórias? As nossas próprias são contadas? De que maneira essa história reflete ou estigmatiza a vivência das pessoas?

Talvez, a mídia seja uma das principais contadoras de histórias e um dos motivos do seu sucesso são as diferentes linguagens e suportes (seja impresso, digital ou online) que essa ferramenta difusora de informações têm.

E o que tem a ver o perigo da história única com a mídia? Bom, primeiro vamos refletir sobre quem são os principais detentores da divulgação de informações e conteúdos no Brasil, uma ex-colônia que tinha como característica principal a exploração da terra a partir da mão de obra negra escrava. Essa parcela da população sofreu com diversas violências, pois era reconhecida apenas como mercadoria. Mesmo depois da “abolição” da escravidão, seus corpos continuaram sendo tratados como objetos e as representações da sua estética e dos seus costumes passaram a se limitar aos estereótipos negativos.

A mídia tem um papel importante na construção de um imaginário do que são as pessoas negras. O que existe hoje são construções do estereótipo do negro e da cultura africana impostas com objetivo de reduzir ainda mais a vivência e a subjetividade desses corpos.

Na mídia do entretenimento vemos a figura do negro engraçado de gargalhada alta e espalhafatosa. Vemos a negra cuidadora, como a tia Anastácia, que é quase da família e ainda o negro e a negra extremamente sexualizados. Enquanto na mídia jornalística, há a estigmatização do negro bandido e responsável pelas violências cotidianas.

É necessário que criemos nossas próprias narrativas, nossa própria maneira de contar nossas histórias já que a branquitude, hegemonicamente detentora das mídias tradicionais, não o faz.

E, se não for suficiente a criação e construção de narrativas próprias através das mídias Blogueiras Negras, Portal Géledes, Alma Preta, entre outras, então que estejamos presente fisicamente na grande mídia para implodirmos essa estrutura.

<https://giphy.com/gifs/detroit-hotel-implosion-iX7vyEkT3jLva>

Até porque, representatividade não é suprida apenas com a presença de um casal negro na maior emissora do país. Precisamos ocupar as vagas além das cotas.